

Mãe viva

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VI N.º 336 — PREÇO 12\$50 — 21/4/83

25 DE ABRIL:

LIBERDADE FAZ 9 ANOS

RESISTÊNCIA

Que nos peçam juras,
Se a alma as não sente,
Se é dentro do fruto
Que fica a semente!

Que nos digam chora,
Se entanto sorrimos;
Se os braços nos cortam
E ainda florimos!

Que nos digam presos,
Fechados, rendidos,
Sem campos, sem flores,
Sem asas de abelhas!

Que nos digam mortos,
Se, mortos, vivemos;
Se temos nos olhos
O sol da verdade
E o grito dos cravos
Na boca vermelha!

Edgar Carneiro,
in «Tempo de Guerra»



Vale a pena recordar Abril; não tanto pela nostalgia de quem viveu os momentos inesquecíveis do sonho conquistado, mas porque é urgente afirmar que o sonho continua, apesar de tudo.

Recordar Abril é olhar para trás, numa atitude dinâmica, e lembrar que o fascismo existiu; é alimentar a nossa recusa visceral de tudo que se possa parecer com Caxias, censura, policias políticas.

Recordar Abril também é demonstrar que, afinal de contas, muita coisa nos une, e que a força telúrica que nos despertou e nos fez sair à rua foi capaz de moldar um país em que a liberdade não era uma palavra vã.

Por isso, e principalmente para os mais jovens que não tiveram o privilégio de o viverem, é importante falar de Abril; nem que se corra o risco de, às vezes, se cair no lugar comum.

Em vésperas de eleições:

Notas soltas sobre uma campanha tão igual

Um dos aspectos interessantes do acto eleitoral de 25 de Abril está em que a natural expectativa não se vai esgotar quando forem conhecidos os resultados eleitorais. Com efeito, o «suspense» sobre o futuro da vida política nacional continuará, decerto, mesmo depois de sabermos já quem ganhou e quem perdeu, e por quantos.

Vai este aliar-se àquele ou

aquele a este? Haverá acordos de Governo, acordos de regime, acordos de incidência parlamentar, ou outros que lhe chamem? Mandará um, mandará outro? E isto na pressuposição, demasiado óbvia para qualquer observador inteligente, de que o PS ficará bastante longe da propagandeada maioria absoluta.

continuação da página 5

• 25 de Abril em foco

— PÁGINA 4 e 5

• As voltas que o nosso lixo dá

— ÚLTIMA PÁGINA

**25 DE ABRIL
SEMPRE!**

CORO POPULAR DE ESPINHO

(canções heróicas e poemas)

VAI - DE - RODA
(música popular)

**Domingo, 24 às 21,30 horas
SALÃO DA PISCINA**

TUCÁTULÁ

E porque estamos em Abril, e porque em Abril há uma data importante o jornal de hoje é um pouco diferente da maior parte deles. Falamos do dia 25 deste mês e do que ele representa para todos nós, de Portugal.

E por tudo isto (ou não acha suficiente?) pode começar por se debruçar pela nossa 1.ª página. Aí vê, que a fase seguinte será abrir o jornal nas suas páginas centrais. Esta é a nossa viagem até ao 25 de Abril. Ele, para os trabalhadores; Ele, para a mulher portuguesa; Ele, para os poetas; Ele, para nós.

Mas como este 25 de Abril é também dia de eleições, a nossa opinião é expressa num artigo em que tentamos desmistificar um pouco a coisa política

e as suas figuras de 1.º plano. Para isso terá que ir à página 5.

Mas como será facilmente constataável a vida na nossa cidade, tem corrido, embora da maneira mais normal do que seria previsível. Há o desporto com o jogo de futebol a registar mais uma vitória do SCE em casa, o que constitui um reboar de esperanças para os seus associados; os correspondentes que nos trazem através da sua pena retrato das nossas freguesias; a reunião da Câmara onde nada se passou; e a página da cidade com mais um retrato e onde poderá ter conhecimento da sentença do motorista de táxi que matou o jovem negro na rua 8.

Gostariamos ainda, depois de darmos uma amostra do que

tem para ler esta semana, de levantar um pouco o véu para o que vamos inserir na nossa próxima edição. Podemos anunciar que o Maré Viva lhe dirá em primeira mão qual foi a intenção de voto em Espinho nas eleições legislativas, faremos também uma análise dos resultados a nível nacional.

Devemos desde já dizer que, em virtude deste número comemorativo do 25 de Abril, ter um número de páginas maior que o habitual, não publicaremos na próxima semana o Suplemento «Fim de Mês». Desculpem, mas ficará para o próximo mês...

Então até para a semana, e não esqueça, se leu esta edição do Maré Viva não vai concertar-se a perder, lendo-nos uma vez mais, em todas as quintas-feiras que ainda e sempre vamos andar por aí.

PINGOS DE TV

BAILA COMIGO
E BRINCAM CONNOSCO

A televisão transmite à hora do almoço uma telenovela brasileira de grande qualidade. De facto, *Baila Comigo* poderá ser considerada como a melhor telenovela até hoje transmitida em Portugal. Merece justamente a audiência que soube conquistar, apesar da hora inconveniente da transmissão. Tarde e a más horas, foram os telespectadores avisados de que durante uma semana não haveria «Baila Comigo», pois as cópias chegadas do Brasil eram de má qualidade técnica.

A desculpa engole-se com dificuldade. Aceita-se com alguma dificuldade que a Rede TV Globo caia em semelhante contratempo. Mas que podiam os telespectadores fazer? Quando muito, podem aguardar que a *Globo* diga da sua justiça...

MAS A PAZ HÁ-DE VENCER.

Punha-se o problema da substituição da novela. O mais lógico, o mais acertado, seria que a RTP optasse por um tipo de emissão o mais perto da emissão substituída, pelo menos algo que tivesse em conta a audiência presumível.

Pois aconteceu o pior. A RTP escolheu para os dias em que falta «Baila Comigo», uma história tenebrosa que dá pelo nome de «A Terceira Guerra Mundial».

Reparem bem: a terceira. Não se trata da guerra de 1914-18, nem da guerra 1939-45. Trata-se da próxima (!) guerra, a guerra nuclear. E como é? Virão dizer-nos que essa tal terceira não virá, que há motivo para ter esperança, de que é preciso lutar para evitar o fim do planeta como lar de todos os homens?

Não senhor. A história dá-nos a guerra como inevitável, como certa. O último clarão da história é o clarão da tragédia. E tudo com o ar mais calmo

Por MARIO CASTRIM

deste mundo, como se tudo não passasse de mais um episódio do «Dallas» infantilório. Maria Elisa caiu no mais fundo da degradação. É uma directora de programas nojentas. Merece, como tal, o maior desprezo de todos os telespectadores responsáveis.

ISENÇÃO?

Outro escândalo na TV foi a suspensão das suas actividades televisivas da locutora Isabel Bahia, da APU, e de Júlio Isidro, do PS. A medida, por inconstitucional, foi já reprovada pela Comissão Nacional de Eleições.

Ou seja a RTP arroga-se o poder bastante para desrespeitar a lei fundamental, na maior das impunidades! E quando fala de isenção nem se dá conta da situação cômica em que resvala, já que, nos últimos anos, ela tem sido instrumento dócil nas mãos do CDS e do PSD, com algumas concessões ao PS.

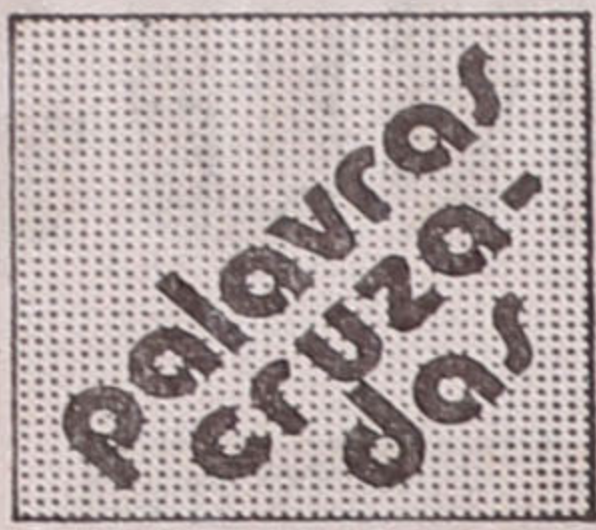
Isenção? De uma coisa está a RTP isenta: é da consideração e do respeito da opinião pública democrática deste país.

COSTAS LARGAS

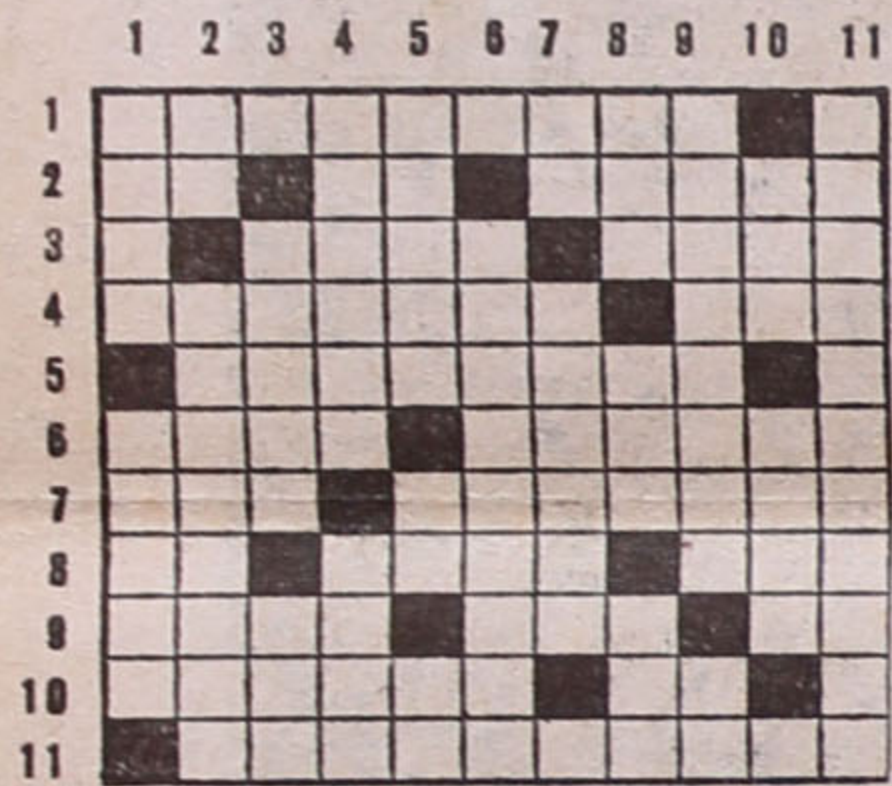
Até às próximas eleições, temos campanha eleitoral. Meia hora por dia. Com a participação de partidos de quem, geralmente, não se ouve falar, que durante muitos anos hibernam — e que só acordam por alturas das eleições para semear a confusão e ter acesso à satisfação de vaidades pessoais.

O mais curioso é que a principal actividade de todos os partidos é atacarem uma das forças concorrentes às eleições: a APU.

Mas não faz mal. O povo tem as costas largas...



N.º 14



HORIZONTALIS

1 — Estes insectos andam por sobre a água. 2 — É a

segunda nota; Movimento Democrático; aqui é mesmo juntar. 3 — Antes de o pôr na chávena, fi-lo ao leite; em Coimbra há uma Torre deste. 4 — É mesmo comida à pressa; os espanhóis têm-no ante do nome. 5 — É preciso fazê-lo para não esquecer. 6 — Estas pedras são prato forte do cruzadismo; com um til na segunda vogal são armas indianas. 7 — Ministério dos Assuntos Sociais; juntamos. 8 — No meio do pó é bacio; serve para cortar as unhas; este elemento grego exprime a ideia de outro. 9 — Mas que risonho; este faz mal à saúde; com ar é rezar. 10 — Os amigos nem sempre no-lo fazem quando precisamos mais; é o primeiro de todos. 11 — Estes são mesmo agarotados.

VERTICAIS

1 — Na nossa antiga literatura há uma de cavalgar a toda a sela; o que o faz às tesouras e navalhas anuncia chuva. 2 — Quem o não faz é como quem não vê; é uma prainha algarvia. 3 — Eram negras as dos estudantes de Coimbra; este fechava a 4.ª horizontal. 4 — Maças; é inteira. 5 — Imaginar; falta

muitas vezes aos asmáticos; meio zero. 6 — É uma nobre atitude espiritual. 7 — Basta!; entre dois L é nome de osso. 8 — A mulher dele; se puser epa acerta; a de mel é muito gostosa. 9 — Vá à página 1317 da 5.ª edição do Dicionário de Português da Porto-Editora, que encontra lá este palavrão; e aqui escreve em romanos o 1500. 10 — Amarro; este era o responsável pelos ventos no Olimpo. 11 — Nas campanhas eleitorais todos os partidos o são.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13

HORIZONTALIS — 1 — Clara, albi. 2 — Querubim, an. 3 — Usm, menir. 4 — Éter, lazere. 5 — Sá, im,lazer. 6 — Trucidado. 7 — Mamede, P.s. 8 — Ova, aso, pés. 9 — Ni, androide. 10 — Piso, nor. 11 — Reinaugurar.

VERTICAIS — 1 — Questionar. 2 — Custar, VI. 3 — Leme, uma, pi. 4 — Ar, rica, Ain. 5 — M.U.M., mimansa. 6 — Abel, desdou. 7 — Inalador. 8 — Amizade, O.N.U. 9 — Rezo, pior. 10 — Ba, ré, pedra. 11 — Interesse.

RASCUNHOS

Uma vez mais está o País em plena campanha eleitoral. Actividade que se intensificou desde o 25 de Abril e pela qual muito boa gente andou sedenta durante dilatados anos. A participação dos eleitores já não será tão calorosa como a quando das primeiras eleições, quando tudo tinha um ar novo e promissor. Mas penso para mim que nem por isso teremos — o direito a escusar-nos à obrigação cívica do voto, quando as urnas, dentro de 4 dias, estiverem abertas para lá depositarmos o nosso boletim e a nossa escolha.

Não venho para aqui dar lições a ninguém nem embrenhar-me em qualquer campanha. O que quero é aproveitar a deixa

para lembrar um caso engraçado a que assisti, em tempos que lá vão.

Depois de terminar aquela que terá sido a última guerra mundial com sobreviventes, tivemos neste recanto ocidental da Europa algumas eleições, quer para a Presidência da República, quer para a chamada Assembleia Nacional, quer para as Juntas de Freguesia. Claro que os eleitores eram num número reduzido, bem triados no momento da feitura dos cadernos eleitorais, e que essas eleições eram bem manipuladas por quem mantinha o poder. Os seus resultados estavam de antemão fixados e por vezes até as percentagens a apurar.

Como era preciso dar a tais

eleições o cenário conveniente, não faltava uma certa liberdadezinha de imprensa, uma ligeirinha possibilidade de reuniões colectivas, até colagem de cartazes nas paredes, só que alguns desses cartazes desapareciam imediatamente, ainda frescos de grude.

Não havia comícios nas praças de touros, nos grandes espaços abertos das cidades, mas apenas nalguns recintos de espectáculos, muito triados, e devidamente vigiados pelos autoridades policiais ou administrativas.

O Teatro S. Pedro, esse marco histórico espinhense que o camartelo parece não querer poupar, foi várias vezes palco de comícios eleitorais, um por cada uma das facções em luta. Porque a época era maniquesta, havia um comício da Situação e outro da oposição por cada campanha. Sobretudo os oposi-

cionistas aproveitavam estas ocasiões para dar largas à sua incomodidade perante o regime vigente, davam os vivas da praxe à República, à Liberdade, à Democracia. No campo situacionista também havia vivas ao Estado Novo, ao Chefe, ao Governador Civil, e também os morras a tudo quanto era considerado marginal, anómalo, subversivo, só porque não se inseria na mesma cartilha.

Pois foi numa dessas sessões de propaganda (comício não porque tresandava a reviralhismo) no meio de muitos vivas a isto e àquilo, um fulaninho cá do burgo, em certa altura, ébrio de entusiasmo pelo menos, não esteve com mais aquelas. Prantou-se em pé sobre o assento da plateia e, muito ancho e em voz tronitante, largou esta: «Viva a Nossa Senhora da Ajuda!».

Carlos P. Moraes

SEMÁRIO

Director: **NUNO BARBOSA**

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
 REDACTORES — António Afonso, Idalina Pedrosa, João Barrosa, Joaquim Peito, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos, Joaquim Peito e Idalina Pedrosa
 COLABORADORES — Carlos P. Moraes, Joaquim Fidalgo, Mário Castrim e Moraes Gaio
 PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiães), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621
 Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
 Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016

Depósito Legal 2048/83

Talho e Charcutaria
CENTRAL
 Joaquim F. Nogueira da Fonseca
 (RAIMUNDO)
BOAS CARNES — SERVIR BEM
 Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
 Tel. 721929

Pinto de Matos
 MÉDICO ESPECIALISTA
 Doenças dos Ossos — Articulações
2.ª FEIRAS:
 Consultas para Crianças
4.ª E 6.ª FEIRAS:
 Consultas para Adultos
 Rua 19 n.º 364 - 1.ª — Telef. 721218
 ESPINHO

CLINICA GERAL
J. Pinheiro de Moraes
 RUA 20 N.º 300
 TELEF. 720452

Conhecida a sentença ontem

8 anos de prisão para motorista de táxi

Este foi, concerteza, um julgamento aguardado e acompanhado por muita gente (cerca de uma centena de pessoas estavam presentes quando foi lida a sentença). No banco dos réus estava sentado um motorista de táxi desta cidade, acusado de homicídio. A vítima, um jovem negro que, segundo a versão mais favorável ao réu, estaria sob a acção do álcool (chegou-se a falar em droga) quando se envolveu numa zangada com um outro indivíduo (que não esteve presente), o qual o motorista de táxi teve intenções de socorrer, quando introduziu uma navalha que trazia em seu poder no abdómen da vítima. Esta será, em traços gerais, a versão trazida a tribunal.

O grosso da reportagem aqui inserida diz respeito a uma sessão ocorrida no passado dia 11, já que a sentença foi conhecida ontem, pelas 12 h. Nesta sessão, fizeram os seus depoimentos as testemunhas de defesa tentando realçar o bom comportamento do réu e a não intencionalidade de matar a vítima. Tal como lhe competia, esta também foi a missão do advogado de defesa que tentou, na esperança de obter uma atenuação da pena, incluir este crime numa zangada colectiva, ou seja onde intervieram mais de duas pessoas.

Entretanto o Procurador da República, quando usou da palavra, manifestou-se favorável a uma condenação severa do réu, dizendo que o resultado médi-

co indicava que houve a intenção de matar.

E como já atrás referimos a sentença só foi conhecida ontem, sendo o motorista de táxi, Alberto Edmundo Cardoso Rocha Vale, condenado a 8 anos de prisão e a pagar, à família da vítima, 300 mil escudos.

Para um outro julgamento a que já fizemos referência a semana passada e que também implica um crime de homicídio, em que a vítima era mulher do réu, ocorrido em 1979 na Pensão Particular, foi também marcada segunda sessão para ontem dia 20, cuja reportagem contámos dar para a semana já que a sentença irá ser proferida no próximo dia 27 pelas 12 horas.



R
E
T
R
A
T
O

Quando os fiéis mais matutinos se dirigem à missa das 8 horas da manhã e encontram aberta a Igreja, provavelmente já não pensam que, para isso, o Sr. José Alves de Sousa já lá está desde as 7,30h

Natural de Aldriz — Argoncilhe, o Sr. José «Sacristão» vive em Espinho há longo tempo. Há quanto tempo...? «Já nem sei. Tenho dez filhos; os primeiros quatro nasceram na Vergada, de onde é natural a minha mulher. Depois disso vim para Espinho».

No início, a vida não era muito fácil; para estudar o pouco que conseguiu, ou seja, a instrução primária, teve muito que andar, na verdadeira acepção de palavra... «*la todos os dias de Aldriz, a pé, para Lourosa, para frequentar a Escola Primária*». Ainda muito jovem começou a angariar a sua própria subsistência: o seu primeiro emprego foi na fábrica de Móveis Reis. «*Vinha de casa, a pé, quase todos os dias; a princípio ainda ficava num quarto humilde, na Rua 7, mas quando casei, ia para casa todos os dias, pois não deixava a minha mulher sózinha por nada deste mundo. Comecei por ser moço da cola*».

Ao fim de 40 anos, o Sr. José resolveu deixar o emprego nos Móveis Reis onde gozava da inteira confiança de seus patrões. «*Cansei-me daquele trabalho. Andava sempre fora, a levar mobília. Tinha semanas de ir três e quatro vezes a Lisboa para levar móveis*».

Iniciou então um período de trabalho por conta própria, exercendo a arte de marceneiro, o

que se verificou por pouco tempo. Há aproximadamente 10 ou 12 anos iniciou a actividade que o tornou conhecido de quase todos os espinhenses. Sacristão. «*Aqui há uns anos havia um sacristão na Igreja, que era o sr. Alvaro; pouco depois de chegar o Sr. Padre Manuel, ele saiu e veio para aqui um curado do Sr. Abade, infelizmente falecido pouco tempo depois. O Sr. Abade veio então convidar-me para o cargo de sacristão, porque me via todos os dias na missa, como era meu hábito*».

Sacristão por vocação? «*Eu sou muito igreja, porque fui assim educado por meus Pais, de modo que me sinto à vontade no cargo*». O trabalho é muito duro? «*Não. Dantes até ia lá acima tocar o sino, mas agora não tenho já poder para isso, de modo que o toco cá de baixo*».

O Sr. José «Sacristão» diz não ter grandes razões de queixa dos paroquianos pois diz que «despacha» positivamente todos os assuntos para o Sr. Abade. Todos não, pois ainda lhe sobra tempo para exercer umas quase funções de tesoureiro de Igreja.

— Está, se não satisfeito com a sua vida, pelo menos conformado, pois declara que com a sua pensão mais os 10.000\$00 que recebe pelas suas funções na Igreja, vai vivendo decentemente.

Já sabe, pois, amigo leitor, que se for à missa das 8 horas da manhã, já vai encontrar a Igreja aberta que foi por um simpático velhinho de 76 anos de idade que, para tal se levanta todos os dias às 6,30 h.

NOS REGISTOS DA POLÍCIA:

Espinho poderá dormir "sossegada" por uns tempos?

— «Parece-me que esta semana não há nada», diz o polícia.

— «Mas a semana passada não viemos cá», contrapôs o jornalista.

— «Também não houve. Parece que está tudo preso», torna a dizer o polícia.

Este foi o diálogo que tivemos com elementos da secção de Justiça da PSP local, e que nos poderá levar a pensar que, especialmente no que diz res-

peito aos amigos do alheio porque a eles se referiam, Espinho poderá por uns tempos dormir com certo sossego. Mas poderá mesmo? Nunca se sabe.

E por isto, escassez de informações para relatar (e ainda bem, por razões óbvias para ambas as partes), resta-nos fazer referência a um acidente de viação ocorrido no passado dia 14 pelas 1,45 h., no cruzamento das ruas 23 e 20. Os intervenientes, ambos em viaturas li-

geiras, foram Artur Azevedo Carvalho, de Esmoriz, e Carlos Joaquim Pereira Gomes, residente em Lisboa. A registar, danos materiais em ambos os veículos e ferimentos leves em Carlos Joaquim Gomes e dois ocupantes da sua viatura; João Humberto Mendonça Afínheira e José Benigno Ferreira da Silva Bernardo, ambos residentes em Sacavém. Receberam tratamento no Hospital de Espinho e seguiram o seu destino.

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

ANÚNCIO

No próximo dia 26 de Maio, pelas 10,00 h., à porta deste Tribunal, proceder-se-á à arrematação em hasta pública, 1.ª praça, pelo valor mínimo dos bens abaixo indicados que lhes foi atribuído, bens estes penhorados nos autos de execução sumária n.º 87/81, da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Vila da Feira em que são: exequente António Manuel Correia Ribeiro, desta cidade e executado José da Costa Graça, casado, comerciante, residente na Rua 11, desta cidade.

É depositário dos bens penhorados a mulher do executado Josefina Bastos Vieira Graça, residente com o mesmo.

BENS A ARREMATAR

— Um terno de sofás, com sofá cama, em veludo, cor amarelo torrado, avaliado em 70.000\$00.

— Um televisor da marca «BRAWDT» electrónico, com écran grande, avaliado em 60.000\$00.

— Um rádio e gira-discos, da marca «NATIONAL» Multiplex, Stereo, avaliado em 40.000\$00.

Em 24 de Março de 1983.

O Juíz de Direito,

Norberto Inácio Brandão

O escrivão-adjunto,

João Alberto Tavares Mendes Bolhão

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401

4500 ESPINHO

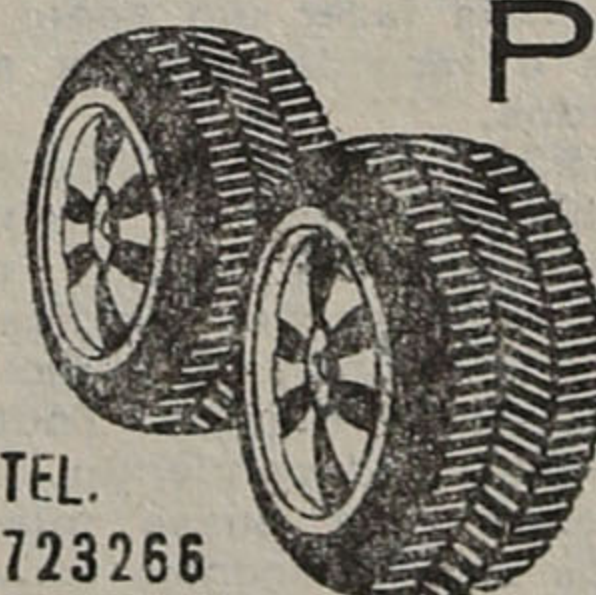
RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

— Alinhamento de Direções

— Vulcanização de Câmaras

— Equilíbrio de Rodas

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

TEL.
723266

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.

Telef. 721810 — ESPINHO

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

O ANTES E O DEPOIS:

A MULHER ATRAVÉS DE ABRIL

A história do Movimento do 25 de Abril conhece-se apenas nas suas linhas gerais; que foi a mais importante revolução política, toda a gente o sabe; e quem não se lembra dos habitantes das celas do silêncio, sombrias e sem condições de higiene que apenas foram construídas como lugares de expiação e isolamento às ideias anti-regime?... das reclusas das «Mónicas» condenadas pelo «crime» do aborto?

Achamos pois que mais importante do que fazer uma revista histórica sobre esta data seria procurar saber o que ela trouxe de novo para a vida e futuro de todos nós e sobretudo para as Mulheres uma vez que nos ajudaram a realizar este depoimento.

É um facto que, para a Mulher, o 25 de Abril trouxe muitas novidades, abriu-lhe as portas para um futuro mais justo e promissor. Na realidade a emancipação feminina, cujos ecos se fizeram soar em Portugal após a revolução cultural via 25 de Abril, tem gerado várias polémicas, na medida em que em volta dela giram importantes questões — aborto, igualdade de salários, planeamento familiar — que tem posto em conflito partidos políticos, organizações afins, parlamentos, famílias.

O «ANTES»

Quando a mulher foi considerada como algo de inferior ao homem, sendo-lhe retirados direitos em matéria de igualdade, quando ela foi desprezada por ter abortado na impossibilidade de sustentar mais um ser, ou porque nunca lhe explicaram e informaram que há várias maneiras de se ter relações sexuais sem se correr o risco de engravidar; quando o sexo e a educação sexual eram considerados como um verdadeiro tabu, ninguém ousava falar do que era ser Mulher-Mãe-Dona de casa mais ceifeira, operária, empregada a dias, enfermeira, cozinheira ou — porque não? — prostituta.

Nem sequer se falava das extremas mães que levavam os seus filhos, embrulhados em xales para os campos nas frias madrugadas. E aquelas mães que cruzavam apressadas as ruas húmidas de nevoeiro e escuras de pavor, levando os filhos para as amas, creches, no caminho do emprego. E eram tantas, tantas e ninguém falava delas!

É que à mulher lhe era atribuído um papel secundário (apesar de insubstituível à face do globo)...

O «DEPOIS»

«É necessário que a mulher preencha lugares em todas as profissões, (dizem algumas delas) na defesa dos seus próprios interesses, não deve ficar fechada em casa, senão porque é que lutamos, após o 25 de Abril, pela Emancipação da Mulher?»

Foi com o intuito de saber quais os novos horizontes trazidos pelo 25 de Abril que conversamos com algumas Mulheres.

«Quem sou? Sou uma estudante, uma Mulher como tantas outras e que considera em primeiro lugar o 25 de Abril um marco histórico entre 2 regimes

opostos, a transição e evolução dum regime ditatorial para uma democracia. O fim da opressão dos direitos humanos e da liberdade de expressão usurpada. A melhor coisa que nos trouxe, para os que gostamos de nos expressar livremente, foi o direito que todo o ser humano tem de pensar e se exprimir da forma como quiser; e isto nota-se lá em casa em relação a mim e à minha irmã casada que teve uma educação escolar e familiar muito mais condicionada, fechada e preconceituosa do que eu.

O aborto triunfou por se poder escolher se «sim» ou «não» a sua prática, mas a meu ver, toda a polémica que rodeia esta questão poderia ser evitada se houvesse serviços sociais competentes que levassem de encontro à população o conhecimento e uso adequado e correcto dos métodos anti-concepcionais, porque no interior ainda há muita ignorância por parte de muitas mulheres».

Há no entanto Mulheres a quem o 25 de Abril pouco ou nada trouxe... abordando temas

como a igualdade de direitos, liberdade de expressão, o aborto (obviamente que são considerados os mais inovadores para a condição feminina e que nasceram entre nós aquando do 25 de Abril) falámos com uma Mulher-mãe-desempregada:

«Alguns melhorias no campo ideológico que me permitiu conhecer razões que eu não imaginava, ajudou parcialmente a descobrir o motivo pelo qual uns se encontram melhor na vida do que outros e obviamente permitiu-me a tão falada liberdade de expressão.

A igualdade de direitos não foi o 25 de Abril que me trouxe, pois eu não exijo mais do que antes, tenho-a à minha maneira e creio que quando nos sentimos bem como me sinto nem nos preocupamos com isso. No campo profissional temos ainda uma grande etapa à nossa frente e que nos temos de esforçar por conquistar, porque acho que nem 50% foi ainda conseguido.

Quanto ao aborto aceite-o na medida em que realmente existem situações catastróficas que

só tenderiam a desaparecer com a legalização do aborto. Por outro lado não aceito a ideia de se aceitar «abortar» por tudo e por nada, senão vejamos: a liberdade sexual é aceite na maioria dos países desenvolvidos porque apesar do uso dos anti-concepcionais, o aborto é legalizado. Transpondo essa ideologia para o nosso povo mais conservador nesse aspecto, e menos bem informado o resultado não seria certamente o mesmo. Se aborto significar acto sexual sem responsabilidade e se se aborta por tudo e por nada então sou contra.

A respeito de planeamento familiar concordo e seria bom que todos concordassem porque talvez se for bem conseguido venha a resolver o problema do aborto».

Se o 25 de Abril trouxe novas perspectivas para a maioria das pessoas, segundo uma mãe-dona de casa-trabalhadora... «a tal liberdade benvinda (a de expressão) foi o mais importante para a minha vida, assim como os problemas financeiros, alguns, se resolveram, uma coisa

má tem acontecido após a revolução de Abril, é que se tem usado e abusado dessa palavra tão bonita que é Liberdade. Tem-se feito muita coisa mal feita, tudo em prol da liberdade de expressão. Não queria que me chamassem conservadora que até nem o sou, mas um pouquinho mais de respeito entre as pessoas não seria também uma forma de liberdade? Não sei se o 25 de Abril tem alguma coisa a ver com este problema, penso e espero que não».

Posto isto e depois de uma troca de impressões com algumas das muitas mulheres com quem nos cruzamos todos os dias, fica-nos este breve e bem intencionado depoimento acerca do 25 de Abril visto pelo lado feminino.

Algumas conclusões a reter: — aborto, igualdade de direitos entre homem e mulher, liberdade de expressão, planeamento familiar, são «neologismos» para a vida de todos nós portugueses, que nasceram após a Revolução do 25 de Abril.

25 DE ABRIL

UMA REALIDADE HISTÓRICA TAMBÉM NO SECTOR LABORAL

No relento das noites/multiplicavas a esperança/sabendo bem que a bonança vem depois da tempestade/
Furtivamente a cidade/embalava o cantar rouco/que mal se ouvia cantar/era um tempo de lutar/era tanto e era tão pouco (...)

Manuel Correia, in «Canção»

Com a passagem do 9.º Aniversário do 25 de Abril e pelo que essa data representa para os vários sectores da vida nacional, incluindo o laboral, não podíamos deixar de salientar alguns aspectos que se relacionam com as transformações então ocorridas e que dizem respeito particularmente aos trabalhadores.

Numa altura em que grande parte da chamada «classe Política» apenas se refere ao 25 de Abril quando estão em causa aspectos «menos positivos», que por vezes, pouco ou nada têm a ver com o espírito que presidiu à sua feitura, talvez não seja de mais fazer um apelo à memória e recordar apenas alguns dados.

Em 1933, com a publicação do célebre «Estatuto de Trabalho Nacional», da autoria de Salazar, as Direcções sindicais passaram a depender directamente do Poder Político. Todos os sindicatos independentes desapareceram e a quase totalidade dos seus dirigentes foram presos e deportados.

Dada a impossibilidade da formação de sindicatos independentes, os trabalhadores não tinham outra alternativa que não fosse a de tentar colocar nas direcções dos sindicatos existentes pessoas da sua confiança.

Com efeito, apesar da legislação corporativa, cujo papel era preponderante no combate às actividades de carácter de classe, os metalúrgicos, bancários, comércio, químicos e lanifícios de todo o país e outros sindi-

catos, constituíam já um imenso leque de Sindicatos nacionais conquistados pelos trabalhadores.

DE 1969 A 1971
O SALTO DECISIVO

Só no 1.º semestre de 1969, participaram em greves, paralizações e outras lutas, cerca de 100 mil trabalhadores. Em 1970 e com a formação da Intersindical, o fascismo viu-se impedido de controlar, através dos seus sindicatos, as lutas nas empresas. É então que durante o ano de 1971, todo o arsenal repressivo é de novo accionado contra o movimento sindical. As reuniões intersindicais tornam-se semi-clandestinas ou mesmo clandestinas. Daí poder concluir-se que o movimento sindical, criado de 69 a 71, foi resultado, fundamentalmente, da audácia e tenacidade dos trabalhadores e não de uma pretensa «Primavera marcelista». E a prova é que, aquando do 25 de Abril de 1974, quase todos os dirigentes da «Intersindical» figuravam na lista da PIDE para prisões preventivas, enquanto outros eram mesmo presos, sob a acusação de prepararem acções de agitação para a jornada do 1.º de Maio. Só que a «noite» tinha chegado ao fim e, com o nascer do um «novo dia», as direcções aderentes à Intersindical reuniram logo pela «manhã», isto é, logo nos dias 25 e 26 de Abril, mesmo antes de possuírem autorização legislativa para tal. Nos dias 27, 28 e 29 os trabalhadores ocupam os



«sindicatos nacionais» e o Ministério das Corporações, pondo assim fim ao corporativismo nos sindicatos.

Seguiu-se a 1.ª grande jornada de luta em liberdade, que foi, sem dúvida, o primeiro 1.º de Maio, jornada inesquecível pela dimensão então atingida.

Manuel Lopes, um dos fundadores da Intersindical, actual dirigente da CGTP-IN e que foi um dos oradores nessas comemorações diria mais tarde numa entrevista: «O banho de multidão era tão grande que muitos de nós chorámos».

De facto, a Revolução transformou significativamente a sociedade portuguesa. Hoje, os trabalhadores elegem livremente os seus delegados e dirigentes sindicais; adquiriram o direito à Negociação Colectiva; elegem as suas «comissões de empresa»; participam em manifestações, etc., graças ao 25 de Abril e a todos que o tornaram possível. Daí que para os trabalhadores, Abril e Maio, mais do que o prenúncio da Primavera, são sinónimos de vida e de esperança.



O 25 DE ABRIL EM ESPINHO

HÁ NOVE ANOS
FOI ASSIM...

Evocar não implica saudosismo, falta de confiança no futuro, apenas tem uma intenção, a de marcar acontecimentos que mudaram o rumo das nossas vidas. Falar do 25 de Abril, da queda do fascismo em 1974, das manifestações de alegria e solidariedade, das esperanças e dos sonhos, não é saudosismo, uma data destas não pode ser esquecida. Ainda que os verdadeiros saudosos doutro passado o desejassem, ainda que a caminhada tenha tido percalços e desvios, ainda que os tempos vindouros sejam ensombrados por recauchutados fantasmas. Evocar Abril de 74 é olhar o futuro!

AS VÉSPERAS

Cá por Espinho as coisas corriam mornas. Sucediavam-se as sessões solenes e monocórdicas da Câmara, as visitas e contra-visitas do Governador Civil acompanhadas de arriscados salamaleques das autoridades locais. E a população passava à margem, indiferente.

A alegria geral, o assunto dominante era a carreira dos «tigres», perto da primeira divisão. Os adversários vergavam-se, as goleadas eram frequentes, a mais recente no total de cinco golos a um débil Aves. Os craques da bola eram a coqueluche, de Malagueta a Gabriel, de Djalma a Têlé. Este era o rei e senhor, mais popular que qualquer figurão da A.N.P.! Os espinhenses não adivinhavam os preparativos dos capitães, assistiam às obras da passagem subterrânea.

Mas as acções policiais, a censura e as denúncias não faltavam. A Secção Cultural da Académica realizava colóquios com polícia à porta e encapotados na assistência. A Oposição reunia às escondidas, protestava na sombra, os trabalhadores ensaiavam movimentos grevistas sob a ameaça das bastonadas. No «S. Pedro» passava na véspera um habitual «kung-fu», «A cruel vingança», previsão exagerada do que viria a suceder aos altos dignatários do regime.

OS COMUNICADOS

A meio da manhã os comunicados radiofónicos abalam os mais pacatos. Ainda estaria tudo a dormir?

Nos cafés deixava-se de falar de futebol, os boatos corriam, as interrogações sucediam. As edições extras dos jornais, em qualquer esquina já se falava dum tal «MFA». A Revolução chegava de comboio, impressa de fresco, em letras garrafais.

Um telejornal empolgante tirava as primeiras dúvidas, o fascismo caíra pela borda fóra.

AS MANIFESTAÇÕES

Os homens do MDP começavam a organizar uma manifestação para domingo. As autoridades camarárias querem atirar areia aos olhos da população, negam os compromissos e actos públicos, perdem a vergonha e aplaudem os militares. Como é óbvio, ninguém foi na cantiga.

Os velhos resistentes, muitos anos de torturas e prisão, choram. Afinal, valeu a pena! Como valeu ver e ouvir homens como António Russo ou Afonso Xabregas, acompanhá-los nas marchas pelas ruas da cidade, naquele dia em que até o mar ouviu gritar: «O Povo Unido jamais será vencido!»

A malta da Académica começou por representar uma pequena peça («A gota de mel») ao ar livre, no Bairro e frente ao Casino, levando consigo cada vez mais gente até ao largo da Câmara. Figuras da oposição democrática, como Carlos Candal e Alcides Monteiro, davam as deixas para as palavras de ordem. O que todos queriam era desabafar, gritar bem alto o seu contentamento.

O lençol pintado de azul resistia aos golpes do vento, as palavras permaneciam bem legíveis: «Viva a Liberdade!»

Convívio - Festa
do 25 de Abril

Com um convívio-festa a realizar no próximo domingo à noite, no salão da Piscina, a Nascente comemora em Espinho a passagem do 9.º aniversário do 25 de Abril. Tratar-se-á, ao que supomos, da única iniciativa do género que terá lugar na cidade, o que dará à festa o tom de ponto de encontro obrigatório de todos os espinhenses que não querem esquecer o significado daquela data.

Por isso mesmo, pretende dar-se à comemoração um ar de convívio fraterno e popular, no que muito ajudarão as presenças já confirmadas do *Coro Popular de Espinho*, com canções heróicas e poemas, e do grupo portuense *Vai-de-rodas*, que produz música popular portuguesa de muita qualidade. Ainda por confirmar está a presença de um militar da Associação 25 de Abril.

Tudo razões para que a noite de domingo 24, venha a ser um significativo momento de convívio e a oportunidade de aproveitarmos uma pausa para mostrar que o 25 de Abril continua a ser um forte laço de união entre todos.

EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES

Notas soltas sobre
uma campanha tão igual

continuação da página 1

Mas, se de algum «suspense» se pode falar, é talvez mais um «suspense» accidental, de mera curiosidade: seja mais assim ou mais assado, seja uma aliança destes dois ou daqueles dois, ou de três, no Governo ou no Parlamento, há já a convicção de que esta coisa vai ficar... mais ou menos na mesma.

Não é que se confunda o PS com o CDS, ou Mário Soares com Mota Pinto, ou Adriano Moneira com Almeida Santos, ou por aí adiante. De algumas diferenças ideológicas e programáticas vai-se sabendo. Mas olhemos-lhes os discursos, as propostas de curto prazo, as análises da vida nacional. Quem foi que disse «é preciso mais autoridade»? E qual o autor de «vêm aí tempos de austeridade»? A quem pertence a ideia de combater «a corrupção e o crime nas ruas»? Quem ganha a quem no rol de promessas aos empresários, para lhes conquistar a confiança e lhes garantir boas hipóteses de trabalho (mas, e a austeridade?)?

Talvez porque as diferenças são menos do que poucas, ao nível do discurso e do que há para oferecer, talvez por isso os partidos centrais da área do poder — PS, PSD, CDS — optaram por oferecer... pessoas. Os mesmos que sempre criticaram a «fulanização» da vida política, vêm agora oferecer, antes e acima de tudo, «fulanos». As propostas são basicamente as mesmas, a diferença pode estar — admitem — nas pessoas encarregadas de as pôr em execução. Sinal de pouca solidez política, por um lado. Sinal de que já constataram o cansaço do povo pela linguagem estereotipada e em si mesmo esgotada, por outro. Sinal de que se tenta o «marketing» onde a política já falha, a campanha dirigida por publicitários e artistas, porque os «profissionais» foram acumulando descrédito.

Depois destes três, surge a APU, naturalmente numa posição que lhe permite movimentos mais à vontade. Afinal, continua a fazer um discurso «de Oposição», mesmo quando insiste — e com fracas hipóteses, bem o sabe —, até à exaustão, em que deve participar no Governo. A campanha eleitoral traz-nos, também, aqui poucas novidades. No plano do discurso, no tom geral (aqui, como sempre, não «fulanizando»), no

empenhamento «circum-eleitoral» — aqui, constata-se até uma menor inventiva, seja nos aspectos gráficos, seja nas acções artísticas e recreativas, enquanto, curiosamente, os outros partidos «tomam» em grande força (alguns) maneiras de fazer campanha em que a APU foi pioneira.

É ainda de monotonia, ou cansaço, ou rotina, ou «déjà vu» que tem de se falar, no respeitante à campanha dos pequenos partidos. Isso de dar voltas de bicicleta tem piada, mas pronto, que mais? Se os pequenos partidos, desde logo afastados da corrida para deputados, insistem apenas em «copiar» o estilo dos grandes, fazendo de conta que são todos iguais, caem apenas no descrédito e no ridículo. Alguém acredita no «grupo de deputados» que o POUS terá no próximo Parlamento, ou a LST, ou a OCMLP, ou o PDC, ou...? Ninguém, nem eles próprios. Mas reproduzem o discurso dos «grandes», falam «como se»,

tentam iludir a realidade.

Em teoria, estão na mesma posição outros. Na prática, não. É a possibilidade que teriam de ser ouvidos — mas ouvidos mesmo — era meterem-se na sua pele real e fazerem «o outro» discurso, «a outra» campanha. Não conseguiriam muitos votos? Pois não. Mas assim não os conseguirão... E, dessa outra maneira, marcariam pelo menos uma presença diferente numa cena política cada vez mais igual, mostrariam que os pequenos partidos — quase marginais, por vezes — têm razão de existir, têm um lugar próprio que outros nunca conseguirão ocupar, têm uma atenção a certas questões que outros nunca conseguirão ter.

«É musical». Será, porventura. Mas também era «música» o discurso dos «verdes» na Alemanha Federal, há meia dúzia de anos, e hoje eles «tocam» já no Parlamento, tendo «obrigado» todos os políticos a falarem de ecologia, mísseis e coisas que tais...



Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
E S P I N H O

CENTRO LIVREIRO DA NASCENTE

Concurso Literário

A. OBJECTIVOS

São objectivos do Centro Livreiro da Cooperativa Nascente ao promover este concurso:
 — Associar-se às comemorações do 9.º aniversário do 25 de Abril.
 — Promover especialmente junto das camadas mais jovens da população a importância do 25 de Abril.
 — Estimular o gosto pela escrita e simultaneamente pela leitura.

B. REGULAMENTO

1. Serão admitidos a este concurso trabalhos originais nas modalidades de :a) ENSAIO; b) CONTO; c) POESIA; d) QUADRA POPULAR
2. Os trabalhos deverão ser apresentados em triplicado e de forma bem legível e dar entrada no CENTRO LIVREIRO da Cooperativa — Rua 62 n.º 251 — Apartado 43 — 4501 ESPINHO CODEX até ao dia 15 de Maio de 1983. Deverão ainda ser firmados com pseudónimo e acompanhados de envelope lacrado que mencionará por fora esse pseudónimo e que conterá a identificação, idade e endereço do concorrente bem como, no caso de ser estudante, do estabelecimento de ensino a que pertence. Os estudantes deverão fazer sempre menção dessa qualidade, entre parênteses, a seguir ao pseudónimo.
3. Os trabalhos dos concorrentes serão apreciados por um júri de três individualidades cujos nomes serão oportunamente divulgados. As suas decisões inclusivé as que tome para suprir omissões deste regulamento ou as concernentes à não atribuição de qualquer prémio, por falta de suficiente qualidade, não admitem recurso.
4. Além de menções honrosas com que o júri entenda distinguir outras produções de qualidade, serão atribuídos os seguintes prémios, em livros, no valor constante do esquema.

Concorrente	Ensaio	Conto	Poesia	Quadra Popular
NÃO ESTUDANTE	1000\$00	1000\$00	1000\$00	1000\$00
ESTUDANTE Ensino Secundário	1000\$00	1000\$00	1000\$00	1000\$00
ESTUDANTE Ensino Preparatório	500\$00	500\$00	500\$00	500\$00

5. Os trabalhos recebidos não são devolvidos, ficando o CENTRO LIVREIRO autorizado a divulgá-los no jornal «MARÉ VIVA».
 6. A proclamação dos vencedores será feita em sessão a realizar em data a anunciar, sendo os resultados também divulgados pelo jornal «MARÉ VIVA».
- Obs. — Serão feitas diligências junto dos Conselhos Directivos, Associações de Estudantes e Professores de Português das Escolas Preparatórias e Secundárias de Espinho e de outras localidades próximas, no sentido de maior divulgação e dinamização desta iniciativa.

CENTRO LIVREIRO COOP. NASCENTE — Abril/83

MOSELOS

25 DE ABRIL — NOVE ANOS DEPOIS, NADA DE NOVO

Passam os anos e a esperança renasce no 25 de Abril por todo este País, onde a revolução foi interrompida antes de ser uma realidade. Renasce a esperança como uma última oportunidade, desta vez bem ao alcance da mão, de transformar a sociedade, dar corpo e voz à revolta, de gritar, participar, construir o futuro que nos tem sido impedido por aqueles que nos mentem, manipulam e no fim ignoram-nos.

Os operários corticeiros desta terra vivem situações difíceis de repressão cada vez mais feroz. O fantasma do desemprego ameaça todos os que protestam

e exigem melhores condições de trabalho. Os jovens e as mulheres muito dificilmente conseguem emprego. O Povo quer casas e não as tem. Quer saúde, educação e melhores condições de vida e isso é cada vez mais difícil de conseguir, mesmo para quem tem algumas possibilidades económicas.

Vive-se de facto uma situação semelhante aos tempos do fascismo. A miséria, o medo e a exploração dos trabalhadores pobres atingem níveis impossíveis de suportar.

Se uma mudança eficaz a nível da sociedade não se fizer sentir, negros dias nos esperam.

O 25 de Abril está aí de novo, desta vez o povo pode mudar o rumo que a vida leva e vai fazê-lo.

50 anos de ditadura fascista deixaram muitas marcas, muitos traumas, que levarão tempo a curar; uma humildade exagerada em relação aos senhores, muitos ainda lhes tiram o chapéu e curvam a cabeça. Mas do 25 de Abril já lá vão 9 anos, de esperanças, de lutas e de algumas vitórias. Apesar das derrotas e das desilusões, é cada vez maior o número daqueles que gritam: O 25 de Abril está vivo!

...Vamos fazer os possíveis.

Nós e o Leitor

Ainda os B. V. de Espinho

Do nosso leitor João Vicente Alves Rodrigues recebemos a carta que passamos a transcrever na íntegra:

Gostaria que publicasse no seu jornal esta minha carta, para que todos aqueles, que de uma maneira ou de outra se interessam pelos bombeiros voluntários, tenham conhecimento.

Li uma entrevista concedida pelo Sr. Arquitecto Jerónimo Reis, actual Presidente da Direcção dos B. V. de Espinho, ao Jornal Maré Viva, em 10 de Fevereiro último, aonde se foca diversas actividades; quando aborda o assunto relacionado com os B. V. de Espinho, diz reconhecer a personalidade controversa, e o feitio um pouco próprio, e às vezes um tanto difícil do Comandante já falecido. Mas o que conta é a posição do sr. Presidente, sobre este reconhecimento.

É pena que só agora o sr. Presidente reconheça depois de muitos bombeiros terem ido embora, os quais se dirigiam à Direcção para serem ouvidos, outras vezes se recorria ao conselho disciplinar dos B. V. de Espinho, aonde o sr. Presidente que fazia parte dele, em relação a algum bombeiro castigado, e tanto de uma parte ou de outra não eram ouvidos; simplesmente

te o que contava era a opinião do Comandante.

Estando integrado nos 42 e agora mais 12 como alude o sr. Presidente, que saíram do corpo activo, e profundamente conhecedor da actual situação degradante que se vive na Corporação, que como aliás é do conhecimento público se vem arrastando já há longo tempo, a existência das maiores arbitrariedades possíveis, senão vejamos:

A autêntica farsa que constituíram as eleições para os corpos gerentes de 1981, aonde valeu tudo, até proibir aos sócios votar na lista oposicionista argumentando-se ser de tendência comunista.

E, quantas vezes é que a Direcção apresentou o relatório de contas aos sócios? Certamente o sr. Presidente também deve estar esquecido. E o que tem feito pelo corpo activo? Simplesmente nada, está até dotado ao esquecimento, sendo de apresentar o facto de a maioria dos directores não conhecer a maior parte dos elementos do corpo activo pela simples razão de só aparecerem no quartel quando há qualquer cerimónia; mesmo assim não aparecem todos. Infelizmente só têm lá os nomes.

Quantos bombeiros tem o

actual corpo activo, e aonde estão os bombeiros que trabalharam afincadamente e que sempre foram desconsiderados pelos actuais corpos gerentes?

Tardiamente o sr. Presidente reconhece que o sr. Comandante teve os seus defeitos. Esses foram sempre abafados pela Direcção desprezando o corpo activo que por vezes pedía socorro, em virtude das anomalias e divergências existentes no seio dos corpos gerentes e corpo activo. No entanto se da parte da Direcção tivesse havido um pouco de carinho pelas pessoas que nessa casa os srs. têm os desígnios de dirigir, que lamentavelmente nestes anos todos dirigiram muito mal. Se estimassem um pouco essas pessoas, que são os bombeiros voluntários de Espinho e dessem razão a quem a tinha e nunca o contrário como sempre aconteceu. Nunca essa casa que os srs. Directores, mas todos, estão incumbidos de dirigir, nunca ficaria tão pobre conforme os srs. têm disso conhecimento.

Termino com a palavra; é de lamentar a actuação dos srs. Directores, e o tardio reconhecimento da actuação do falecido Comandante dos B.V.E., pelo actual Presidente.

João Vicente Alves Rodrigues

Casa Romeu

FILIFE RÓDRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA
Oculista Vitó
 2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA
 R. 19 n.º 299 e 242 - Tels. 721433/723056 - ESPINHO

Agência Funerária de Espinho

DE
 MARIA DE LURDES MONTEIRO DE OLIVEIRA (DUARTE)
 SERVIÇO PERMANENTE
 COM SERVIÇOS PRESTADOS HÁ MAIS DE 20 ANOS.
 TELEFONE A TODA A HORA 721358
 Rua 11 n.º 545 — ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

Estreia dia 24 em Lamas

"Auto da Barca do Inferno" com o TPE

O «Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente foi pela primeira vez representado no ano de 1517 «para consolação da mui católica e santa rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que faleceu». Considerado uma obra fundamental de um nome da maior importância na história do teatro português, este auto apresenta um propósito claro de crítica social. O Teatro Popular de Espinho decidiu fazer dele o seu próximo espectáculo, não sem ter introduzido algumas inovações cénicas numa proposta de leitura que se procura actualizada.

«Gil Vicente é um autor que está nos nossos projectos praticamente desde a fundação do Teatro Popular de Espinho. Por outro lado, um trabalho sobre Gil Vicente é um marco importante na vida de qualquer grupo e um óptimo exercício no campo da formação e da evolução dos actores. Pensamos que surgiu o momento em que é possível efectuarmos este trabalho, que nos coloca muitas exigências; só a experiência adquirida pelos membros do grupo ao longo das últimas encenações nos permite partir de uma base segura de garantias em relação às nossas capacidades para o fazer», afirmou-nos Domingos Oliveira, responsável pela encenação do Auto da Barca do Inferno.

Este novo trabalho do TPE propõe, contudo, uma leitura actualizada do texto através de uma encenação concebida em termos modernos.

«Optámos por criar um espectáculo que se dirigisse, pelos seus próprios meios, a um público de hoje. Gil Vicente criou esta obra num contexto muito diverso do actual; não podemos ignorar que este auto foi concebido para a corte do rei D. Manuel onde, aliás, foi representado. Numa época em que o desenvolvimento histórico correspondia a uma fase de centralização do poder real, eram bem recebidas, na própria corte, críticas da nobreza e do alto clero que, por verem perigar os seus privilégios, se opunham ao rei.

Hoje, fazer Gil Vicente é ter presente a componente lúdica e de crítica social da sua obra e realizá-la em função de um público totalmente diferente da corte manuelina, passados que foram quatro séculos. Por outro lado, a evolução do próprio teatro, as condições técnicas em que hoje se faz oferecem-nos um conjunto muito mais vasto de possibilidades de trabalho que devemos explorar.»

Baseando-se nestes parâmetros, o TPE encenou um espectáculo como se perspectivado por um grupo de saltimbancos, contudo sem que se pretenda uma reconstituição neste sentido. Como nos disse Domingos de Oliveira «o auto começa com uma animação de rua, inspirada na «dança da morte», e que serve de propaganda ao espectáculo, convidando as pessoas.»

Entretanto, o TPE está a preparar uma adaptação deste espectáculo, visando as escolas. «Não pegamos no «Auto da Barca do Inferno» a pensar especificamente nas escolas. Contudo, vimos que um trabalho nesse sentido poderia ter interesse e decidimos a adaptação.»

Graças ao trabalho desenvol-

vido ao longo de dez anos pelo TPE, Espinho tem já um público específico, sensibilizado e interessado pelo teatro.

«O nosso trabalho sobre o «Auto da Barca do Inferno» é bastante diverso daquilo que temos feito até aqui. Ora, um dos aspectos que pesou na escolha de Gil Vicente é o facto de ele poder proporcionar um espectáculo aliciante para o público que habitualmente nos vem ver.»

«Porém nunca fomos favoráveis à ideia de nos adaptarmos pura e simplesmente a um público; pensamos que é essencial a existência de um diálogo entre o grupo e o seu público para que ambos evoluam, criem exigências em termos de qualidade e de necessidade de um desenvolvimento contínuo. É claro que não podemos sujeitar-nos a gostos duvidosos, tantas vezes veiculados pela comunicação de massas. Claro que procuraremos responder, também em termos de aceitação», concluiu Domingos de Oliveira.

Paralelamente, o TPE mantém em cena a peça infantil «Sagui e as Estrelas», baseada numa passagem dos «Esteiros» de Soeiro Pereira Gomes e que deverá ser apresentada em todas as escolas de Espinho. Nos seus projectos estão também as comemorações do décimo aniversário do grupo e a preparação de um próximo trabalho.

Quanto ao «Auto da Barca do Inferno», ele será estreado em Lamas, no Sindicato dos Corticeiros, no próximo dia 24 de Abril, estando já marcados bastantes espectáculos. A peça será provavelmente apresentada na cidade durante o mês de Junho.

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º

Telefone 720093

ESPINHO

**ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES**

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.

Telef. 698704

4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964

4508 ESPINHO

reunião
da
câmara

Uma sessão insípida...

Podemos afirmá-lo, sem cair em exageros, que esta reunião da Câmara foi uma fotocópia do que se passou na sua antecessora, já que os seus aspectos mais relevantes transitavam da semana passada. Contudo a excepção confirma a regra, e concerteza que as houve. Mas poucas.

Para já, ambas foram públicas e se a anterior nos trouxe a boa nova de que num futuro muito breve iríamos ter mais uma Escola Preparatória na Cidade, esta de novo e bem vindo pouco ou nada terá. Os assuntos relativos a obras dominaram a situação quase por completo e em jeito de constante empolamento da maior parte dos casos.

E como acabamos de dizer, as obras, com um número bastante grande de processos, duraram até cerca das 19,30 h. Contudo, aí residiria, quanto a nós a grande novidade. «Há necessidade de se fazer um levantamento do património arquitectónico e Histórico da Cidade». A discussão veio à baila por intermédio de 2 requerimentos de um mesmo indivíduo onde se «solicitavam informações sobre a viabilidade de proceder ao loteamento de um terreno situado nas ruas 30, 21 e 23 e a solicitação do respectivo alvará». Face a esta pretensão o parecer da Architecta Urbanista foi no sentido de a inviabilizar por aí se encontrar um imóvel que é passível de ser considerado Património do Estado. Conversa puxa conversa e a discussão alargou-se com um dos Vereadores a propor soluções inviáveis (referimo-nos à proposta do CDS de proceder a um inventário do Património da Cidade em 15 dias) e sem que os restantes encontrassem uma saída capaz para o caso em discussão. Ela veio da parte do Eng.º da R.T. ao dizer que a «necessidade de se fazer o levantamento não inva-

lida o indeferimento dos requerimentos ali em discussão». E a deliberação final foi que a R.T. reuniria toda a documentação possível da construção em causa (incluindo fotografias) para que os vereadores a apreciassem melhor, ao mesmo tempo que se reafirmava a necessidade de se fazer o levantamento do Património arquitectónico local.

50 CONTOS PARA VER AS BICICLETAS PASSAR...

E as horas iam passando e os assuntos correndo. Por parte do Presidente, veio a informação de que no Hotel Praiagolfe existiriam, desde o início da sua construção, uns sanitários para utilização pública. A deliberação, depois de alguns considerandos, foi no sentido de a Câmara aceitá-los a seu cargo, tendo em atenção a sua manutenção e as condições de higiene «bem como a salvaguarda de qualquer prejuízo para a empresa proprietária do hotel».

Outro assunto que já transitava da sessão anterior foi aquele que implicava a concessão de um subsídio de 5 mil escudos ao MURPI (Movimento de Reformados de S. Pedro e Maria) para uma deslocação à III Conferência Nacional do Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos. Este pedido foi concedido com 4 votos a favor e 2 contra (V. Martins e Carvalho e Sá). Os argumentos usados pelo Vereador do CDS, já são de todos conhecidos (a narrativa já vai longa e para deles se tomar conhecimento basta ler o relato da nossa edição anterior). Ainda relativo a subsídios de assinalar que, sem oposição de qualquer das partes «a excepção de uma interrogação do Vereador da APU sobre se a quantia dis-

«NÃO POSSO VOTAR CONTRA O GOVERNO»

Alguma polémica gerou também a intenção do Governo Central querer tirar aos Municípios, 50% da receita sobre o Imposto de Turismo. Um voto contra, da parte do CDS, argumentando com o «dever que tenho de não votar contra o governo, porque este não exerce a sua acção em termos regionais mas nacionais. Não saberei se o tira em Espinho para o empregar em outras regiões mais carenciadas». A esta «linda filosofia» contrapôs Carvalho e Sá, do PSD, que «apesar de ter apoiado o governo e a sua acção não pode deixar de ser contra, quando Espinho está a ser prejudicado». Artur Bártolo daria ainda uma achega, sublinhando «que o que está em causa é a inconstitucionalidade da lei». E com um voto contra, a proposta que se insurge contra a situação, foi aprovada.

Já no fecho desta sessão vimos a saber que na próxima reunião, que será privada, se irá discutir uma proposta do Vereador do PS, Rolando de Sousa, que pretende aumentar os preços de entrada na piscina em cerca de 20%. Esta proposta é baseado no facto de os encargos da Câmara com a piscina estarem a aumentar de ano para ano e que mesmo depois dos aumentos, esta continuar a ser uma das mais baratas do género no País.

Festa e Mini-Comício do PS

Foi com o espírito de promover a sua campanha para as eleições de 25 de Abril, que o PS organizou em Espinho (aliás como já anteriormente acontecera noutros pontos do País), na Tourada, um espectáculo musical que contou com a presença de Rui Veloso, Herman José e Paco Bandeira e (naturalmente) público.

A noite prometia 2 horas e meia de franco convívio no recinto ao ar livre onde muita juventude de Espinho ocorreu.

Apresentado o espectáculo por Herman José, onde as piadas à «jubentudita» não faltaram, seguiu-se a actuação de Paco Bandeira grandemente aplaudido pelo público mais velho, e em particular pela «malta cigana» à qual dedicou duas das suas canções. E isto sempre com as interrupções «piadéticas» do Herman.

Finda a actuação de Paco Bandeira, seguiu-se a de Rui Veloso e a sua Banda que com alguns «blues» e ritmos rock fizeram as delícias dos que nunca o tinham visto por cá, e que expressamente se deslocaram até à Tourada para o ouvir.

Por volta das onze e meia o espectáculo findava.

Graças às campanhas eleitorais, Espinho teve oportunidade de quebrar a rotina nocturna dos seus habitantes com a vinda de Carlos do Carmo e Rui Veloso num local agradabilíssimo para espectáculos (segundo a opinião geral do público) que é a Praça de Touros.

A propósito de campanha do PS é de referir a vinda de Mário Soares à cidade, na passada sexta-feira 17 de Abril.

Foi por volta das 6 horas da tarde que ele e a sua comitiva chegaram, dirigindo-se primeira-

mente à Câmara Municipal para cumprimentos ao Presidente da Câmara e vereadores.

Seguidamente desceu a rua 19 onde tomou café no «Ribamar» sempre bem recebido pelos muitos que por lá passavam. Continuou pela avenida 8 até que finalmente chegou à zona piscatória, a Mata, onde foi recebido com abraços e vivas. Entretanto o pessoal que vinha saindo das fábricas também se juntou para o receber.

Mário Soares pouco disse pois estava impossibilitado de falar devido a uma rouquidão. No entanto José Mota, deputado por Espinho, tomou a palavra e dirigiu algumas palavras de confiança para o resultado final das eleições e onde seriam rapidamente revistos os contratos a prazo, e o grave problema da habitação e sanidade.

E se acontecesse outro 25 de Abril?

— Ao telefone os leitores disseram o que pensam

Falar, escrever ou ler sobre o que foi o 25 de Abril de 1974, é coisa a que toda a gente está pouco habituada. Mas ouvir e escrever sobre o que pensam as pessoas sobre a «hipótese» de um novo 25 de Abril é um pouco arriscado. Tentámos. As pessoas contactadas foram surpreendidas, disseram-nos o que pensavam, o que gostariam de ver feito e que ainda não foi conseguido.

No entanto, notámos, algum desalento. Mas a esperança em dias melhores permanece.

Esperança, que é a única coisa que os portugueses ainda não perderam. Não acreditam em sebastianismos. Crêem, isso sim, «em homens de boa vontade».

«Estou um pouco nervosa. Fui apanhada de surpresa. Responder de imediato é sempre difícil, embora pense algumas vezes no assunto. Agora não me ocorre aquilo que gostaria de dizer. No entanto, se se desse um novo 25 de Abril gostaria que houvesse mais harmonia e menos confrontamentos para que todos vivessem melhor, disse-nos ao telefone Maria Santos, residente nesta cidade.

Enquanto que esta resposta é registada, está em linha uma empregada de escritório que nos diz «Esperava um 25 de Abril mais eficaz. O que vivemos em 1974 e 1975, trouxe-nos alguma coisa, embora esperasse mais. Não me posso esquecer da espontaneidade das pessoas em 25 de Abril e no 1.º de Maio de 1974. É necessário que a fraternidade dessas datas seja mais viva, porque o 25 de Abril é quase e só uma data histórica, em que fazem comemorações e pouco mais. O novo 25 de Abril deveria resolver os problemas mais candentes do povo português, para que a nossa sociedade fosse mais justa e fraterna, onde a palavra justiça se afastasse de vez dos requerimentos e existisse de facto».

Enquanto a linha está interrompida, vamos discando alguns números e desta vez é Anta que nos responde pela voz de Ligia do Carmo, que nos diz: «Gostava que todas as forças de esquerda se unissem e que o socialismo se construísse em Portugal, em que os trabalhadores, pequenos e médios comerciantes e industriais fossem privilegiados no novo sistema para a recuperação do nosso país que cada vez mais se afunda. Os

problemas da habitação, saúde e educação deveriam ser prioritariamente resolvidos. As terras deste país deveriam ser entregues a quem as trabalha, desde o Minho ao Algarve e que os agricultores tivessem melhores condições técnicas e de crédito para poderem produzir aquilo que importamos. No campo diplomático Portugal deveria solidarizar-se com os povos oprimidos de todo o Mundo e se criassem laços de amizade e se desenvolvesse uma aproximação real com os novos países de expressão portuguesa».

«Se um novo 25 de Abril surgisse deveria de imediato pôr cobro aos grandes problemas nacionais, que são a saúde, educação e habitação. Deveria criar estruturas de saúde gratuitas para toda a gente. No campo da educação criar estruturas a todos os níveis para dar à juventude uma formação profissional. No campo da habitação dotar o país com infra-estruturas necessárias para que toda a gente tenha um tecto para se recolher. Por outro lado, deveria corrigir os excessos provocados pelo o que agora comemora. Combater a corrupção a todos os níveis. Quando se ouve falar do 25 de Abril, quase sempre se diz mal dele. No entanto, algumas pessoas que o atacam são geralmente aquelas que fizeram fortuna ou atingiram a posição que ocupam. Para muitos o 25 de Abril de 1974 foi como uma lotaria ou totobola. Se um novo 25 de Abril surgir, que seja melhor para toda a gente. Esta a opinião de Joaquim Martins Reis, de Espinho, que um pouco depois das 22.30 deixava o pro-

grama da TV para nos deixar a sua opinião.

A procura de novos números de telefone leva-nos até Paramos, onde do outro lado da linha está a operária têxtil, Primorosa Barros, que começa por nos dizer o seguinte: «Julgo que só seria possível fazer-se um novo 25 de Abril com pessoas que dariam a volta a este estado de coisas. A direita não o fazia porque não precisa. É ela que está no governo e que mexe os cordelinhos. Mas, não está contenta. Gostava que toda a gente tivesse uma vida melhor. Porém, lembra, que aquele que agora se comemora se mais não bastasse teve alguma coisa boa, por exemplo: «o fim da guerra colonial e ainda o facto de hoje podermos ter esta conversa. No entanto, não chega. Para uma mãe trabalhadora com filhos de tenra idade é um problema. Ter de levar o filho para a fábrica e deixá-lo num lugar amplo sem o mínimo de condições, onde falta a cama e a mesa, ao cuidado de pessoas sem capacidade para tal. Há infantários mas os preços que lá se pagam não são para nós e por vezes nem vagas há. O governo não quer saber do povo. A gente sabe o que quer, mas...»

O último depoimento vem de Anta, o relógio começa a chegar às 23 horas e no dia seguinte é dia de trabalho. Em resposta à nossa pergunta José Coelho diz-nos de imediato: «Gostaria que um 25 de Abril fosse mais justo. Deveria ser feito por homens de boa vontade, que deveriam sentar à mesa todas as forças sociais, nomeadamente patrões e trabalhadores, com vista a um entendimento possível para haver progresso social. Deveria ser tão livre, esse novo 25 de Abril, que fosse exemplo para o Mundo onde a violência e a guerra são o pão nosso de cada dia. Os problemas da saúde, educação e habitação, deveriam merecer a resolução dos governantes. Por fim, gostaria que as pessoas fossem mais bem informadas. Antes do 25 de Abril de 1974, a censura cortava tudo a torto e a direito. Agora julgo que não há censura. No entanto, a imprensa é manobrada, deixando as pessoas desconfiadas muitas vezes com as notícias dadas».

As voltas que o nosso lixo dá...

continuação da página 10

trabalha connosco, costuma dizer que o lixo é o petróleo mais rico. E até certo ponto temos de lhe dar razão. Se não, vejamos: Os materiais ferrosos que vêm no lixo são separados por meio de um electro-iman, prensados e vendidos para a Siderurgia Nacional, na Maia. Os plásticos são também separados e vendidos para fábricas de tubos de polietileno. Os papéis e cartões são igualmente vendidos para fábricas de cartonação! Quanto à matéria orgânica está na base de adubos. Posso dizer, por exemplo, que vendemos os materiais plásticos a 7\$50 o kg., o cartão a 6\$00, os materiais ferrosos a 3\$00, os não ferrosos (alumínio e cobre, principalmente) a 35\$00, e o vidro a \$30. Assim, em 1982 vendemos cerca de trinta mil contos de produtos, incluindo naturalmente os adubos, contra 21000 em 81 e 17000 em 80.»

E NUM FUTURO PRÓXIMO

Num futuro próximo, caro leitor, vá-se preparando para deixar de meter todo o seu lixo no mesmo saco! Pois é. A exemplo do que já sucede noutros países, a Fertor pensa lançar uma campanha (naturalmente com o apoio das Câmaras Municipais que a administram) no sentido de levar as pessoas a fazerem, em suas próprias casas, uma separação prévia dos vá-

rios tipos de lixo: papéis para um lado, plástico para outro, restos de comida para outro. Quanto ao vidro a ideia é ainda mais «sofisticada» — vidro branco separado do vidro colorido. Não pense que isto é uma bizantinice! Aqui bem perto de nós, em Vigo, já existem contentores especiais para esses dois tipos de vidro. Ideia que a Fertor pensa pôr em prática tão breve quanto possível. Já há mesmo uma firma especializada que está a produzir contentores específicos para a recepção de vidro. É o progresso, meus amigos, é o progresso!... E se lhe dissessemos que numa cidade norte-americana já existe um jornal que é impresso em «papel reciclado»? Ou seja, papel que já serviu para embulhar as suas compras? Acredite, se quiser...

O que não restam dúvidas é que numa sociedade cada vez mais «de consumo», tudo é necessário aproveitar. Até mesmo o próprio lixo. Círculo vicioso, «regresso às origens», chamemos-lhe o que quisermos. Necessidade imperiosa dos tempos que correm — essa é que é a verdade final.

E depois de ler esta reportagem meça melhor as suas palavras quando, ao referir-se a alguém que você «não veja» muito bem, lhe apeteça dizer: «Esse gajo é lixo». Olhe que o lixo vale muito...

Município de Espinho AVISO

Secções de voto a funcionar na freguesia e município de Espinho nas eleições para a Assembleia da República, a realizar em 25/4/83, com indicação dos locais onde funcionarão bem como dos eleitores que em cada uma delas exercerá o seu direito de voto.

Secção N.º	Local de funcionamento	Eleitores que exercem o direito de voto
1	Câmara Municipal	1 a 810
2	Idem	811 a 1624
3	Escola Primária — Rua 19	1625 a 2438
4	Idem	2439 a 3252
5	Ciclo Prep. — Rua 26 e 19 Palácio Pena	3253 a 4068
6	Idem	4069 a 4881
7	Rua 30 — Ciclo Prep. Antigo	4882 a 5695
8	Idem	5696 a 6509
9	Escola Primária — Rua 22	6510 a 7322
10	Idem	7323 a 8136
11	Escola Primária da Rua 23	8137 a 8950
12	Idem	8951 a 9738
13	Esc. Ind. e Com. de Espinho	9739 a 10561
14	Idem	10562 a 10864

Espinho, 18 de Abril de 1983.

O Presidente da Câmara,
António Pereira Bártolo

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

Manuel Correia da Silva

(ADVOGADO)

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

Milton C. Pinho Glória C. Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

Aquário - Marisqueira

RESTAURANTE — CERVEJARIA

Especialidade em Mariscos e Peixe Grelhado

Rua 19 n.º 28 Telef. 720377 ESPINHO

3 PERGUNTAS PARA ARSÊNIO

Arsênio Manuel Lopes Barbosa, natural de Ovar, residente em Espinho, desde o seu primeiro ano, conhecido por todos os espinhenses ligados ao desporto, mais propriamente ao Hóquei em Patins da AAE.

Arsênio, desde quando o amor pelos patins?

«Bom: tudo começou, quando tinha eu os meus 5 anos, na escola de patinagem da AAE. A partir desse momento foi a continuidade, passando por todas as camadas, tendo obtido êxitos como campeão regional de infantis e iniciados, e há 4 anos nos Juniores como campeão nacional. De momento nos seniores, já lá vão 2 anos, com um pequeno problema que me levará a contribuir menos, devido ao facto de em Maio ir cumprir o serviço militar, mesmo sendo aqui em Espinho.»

Como vêes a actual carreira da equipa?

«Positiva, dado que todos nós como equipa encaramos

com bastante realismo a subida de escalão, mesmo tendo como obstáculo o reduzido plantel (8) e o divórcio patente entre público e equipa. Temos trabalhado para tal objectivo e vamos conseguir com a ajuda de todos, mas para isso é necessário começar pela base, isto é criar estruturas para a manutenção da equipa na divisão maior».

Que tipo de estruturas?

«Todos nós sabemos que o campeonato na 1.ª divisão é longo e esgotante — 2 jogos por semana — por isso é necessário passar de uma equipa amadora para profissional, desde a vinda de jogadores credenciados, experientes e ter um mínimo de 14 jogadores; sem estas condições base não é possível a permanência de uma equipa entre os grandes, é subir para descer de imediato. A presente Direcção têm um papel preponderante para encarar com realismo esta situação. Sem o apoio da Direcção não é possível criar as estruturas necessárias».

ESPINHO, 1 - VARZIM, 0

Golão de Vitorino, dois pontos no sacco...

O regresso ao Avenida está, de facto, a mostrar-se como que um tónico para a equipa espinhense. Dois jogos, quatro pontos, são, para já, o resultado à vista desta «terapêutica» de que a equipa estava a precisar como de pão para a boca. Quanto ao jogo propriamente dito, diga-se desde já que o resultado é um tanto ou quanto enganador, pese embora um certo período de ascendente poveiro, a meio do segundo tempo. A verdade, porém, é que o SCE marcou um golão «à inglesa» por Vitorino, aos 25 minutos de jogo, num tiro disparado a uns bons 30 metros da baliza do «internacional» Lúcio. De levantar um estádio, como de facto aconteceu! Mas as oportunidades de gol por banda dos espinhenses foram várias: aos 21 minutos, Mória perdeu a oportunidade de marcar, desaproveitando um passe de Dinis; aos 37 minutos, uma boa combinação entre Mória, Moinhos e Carvalho foi concluída com um bom remate deste último a rasar

a barra. Para além destas oportunidades perdidas, houve ainda duas jogadas dentro da grande área poveira que deixaram muitas dúvidas, principalmente uma, aos 40 minutos, em que Mória foi rasteirado. Penalti, sem margem para dúvidas. Assim o não entendeu o árbitro, Santos Ruivo, que, aliás, fez uma arbitragem sem categoria.

No cômputo geral foi uma boa partida de futebol, com empenho de ambas as partes, com a vitória merecidíssima do SCE. Na equipa espinhense, Mendes fez duas intervenções soberbas e esteve sempre seguro. A defesa cumpriu, com destaque para Vivas, quanto a nós o melhor jogador em campo. João Carlos e Vitorino actuaram de forma a merecer também nota alta.

Sob a arbitragem de Santos Ruivo, de Santarém, o SCE jogou com: Mendes; Vivas, Balacó, Serra e Raul; Dinis, João Carlos e Carvalho; Moinhos (Vitor Manuel, aos 89 m.), Mória (Pinto da Rocha, aos 77 m.) e Vitorino.

BANCADA DE IMPRENSA

Espinho é, sem qualquer espécie de dúvidas, uma das cidades do País onde mais gente pratica desporto, e onde a «oferta» da prática desportiva atinge também índices elevados. De facto quase todas as modalidades desportivas cá podem ser praticadas, da natação ao karaté, do hipismo ao hóquei em campo, do golf ao futebol. Muitíssimo poucas terras do País se podem orgulhar de terem, intra-muros, um tão variado naipe de modalidades, que só põem àqueles que se sentem minimamente vocacionados para a prática desportiva um problema — o da escolha.

Dai que voltemos a levantar nesta coluna um problema que de há muito vem sendo focado por todas as pessoas a quem o fenómeno desportivo diz alguma coisa: a falta de um Circuito de Manutenção. O facto de, mais uma vez aqui nos referirmos a esta carência do Espinho-Desportivo, deve-se à circunstância de a CME ter, pela primeira vez, à frente do Pelouro Desportivo um homem intrinsecamente ligado ao Desporto, Rolando de Sousa, e que, justamente por estar no início do mandato, bem pode tomar a seu cargo a instalação de um Circuito de Manutenção, pese embora os condicionamentos de ordem económica que por todos são conhecidos. Sítios não faltam: desde o próprio Parque João de Deus aos terrenos anexos ao Aeroclube, passando pela zona contígua ao campo do Rio Largo ou os terrenos adjacentes à Estrada Espinho-Granja. A escolha é variada, como se vê. Haja vontade, que a obra poderá nascer.

Cantinho da Rambóia vence Torneio do Rio Largo

Terminou o torneio do Rio Largo FC do qual saiu vencedor a Associação Cantinho da Rambóia FC.

No dia 9/4/83 realizou-se no Campo do Rio Largo, a contar para o Torneio realizado pelo mesmo, o jogo entre a Associação Cantinho da Rambóia FC e a Juventude B. F.C. Foi um encontro que correu com a maior

correção, do qual saiu vencedor a Associação Cantinho da Rambóia FC, por 2-0.

Constituição da equipa: José Paquete; Anibal, Manuel Passa, Jaime, Manuel Padeiro e Celestino; Tono Ai, João Gomes e Folha; António Maganinho e José António.

Marcadores: Celestino, aos 62 m., José António, aos 75 m.

RESULTADOS DA SEMANA

O volei sénior do SCE continua a sua carreira irregular enquanto que a equipa feminina de andebol esteve em bom plano. De salientar ainda o volumoso resultado feito pelos juvenis de hóquei.

ANDEBOL

Divisão de Honra

Acad. S. Mamede, 32 — SCE, 20

Feminino — Águeda, 16 — SCE, 27

HÓQUEI EM CAMPO

1.ª divisão — U. Lamas, 2 — AAE, 1

Reservas — U. Lamas, 3 — AAE, 0

HÓQUEI EM PATINS

Nacional da 2.ª divisão

AAE, 11 — Cerâmica de Valadares, 1

Juniores — AAE, 3 — FC Porto, 5

Juvenis — AAE, 22 — Fânzeres, 3

Infantis — AAE, 3 — UBP, 3

VOLEIBOL

1.ª divisão — SCE, 0 — Leixões, 3

Juniores — SCE, 3 — Acad. de Coimbra, 0

Iniciados — FC Porto, 3 — SCE, 2

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA PARÊTA, PARATI, etc.

Pavimentos para cozinhas e casa de banho; Alcatifas, etc.

ORCAMENTOS GRÁTIS

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas

e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

NA ROTA DO EXÓTICO

ALICIANTE EXCURSÃO AO EXTREMO ORIENTE
ACOMPANHADA POR COMPETENTE GUIA DA NOSSA ORGANIZAÇÃO

HOTEIS DE 1.ª CATEGORIA E LUXO — PARTIDA ESPECIAL

Visitando:

BOMBAIM — GOA — BANGKOK — MACAU

HONG-KONG — TÓQUIO — KAMAKURA

HAKONE — NAGOYA — TOBA — ISE

KYOTO E NARA

3 de JUNHO — 20 DIAS DE VIAGEM

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES, TRATA:

Agência Abreu

(COM O SR. VILHENA)

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

As voltas que o nosso lixo dá...

Você sabia que Espinho produz, diariamente, 33 toneladas de lixo? E sabia que você, leitor, à sua conta, contribui para isso, em média, com 660 gramas? E se lhe dissermos que, por exemplo, no ano passado, a FERTOR, a estação de tratamento para onde vai o lixo da nossa cidade vendeu 30.000 contos de produtos aproveitados daquilo que você, diariamente, deita para o seu caixote? Ficou admirado? Invejoso? Não pense em tratar o seu próprio lixo em sua casa, porque não vai conseguir... Estas e muitas outras coisas ficamos nós a saber através da reportagem que fomos fazer à FERTOR. Ai vai lixo!

de 40 a 45% de humidade. Segue depois para um silo e depois é ensacada a um ritmo de 70 toneladas/dia. Depois, é vendida como adubo!

Mas os problemas da FERTOR, empresa que labora desde há 14 anos para cá, e onde trabalham actualmente 94 pessoas estão em vias de solução. Novamente o Dr. Fernando Leite: «Efectivamente as-

A tecnologia desta instalação não tem evoluído muito. O que se tem verificado é apenas uma sofisticação de equipamentos, quase todo de origem italiana. Aliás foram técnicos italianos os principais responsáveis pela montagem de quase todo o equipamento da Fertor com resultados positivos, diga-se desde já.

NADA SE PERDE-TUDO SE TRANSFORMA!

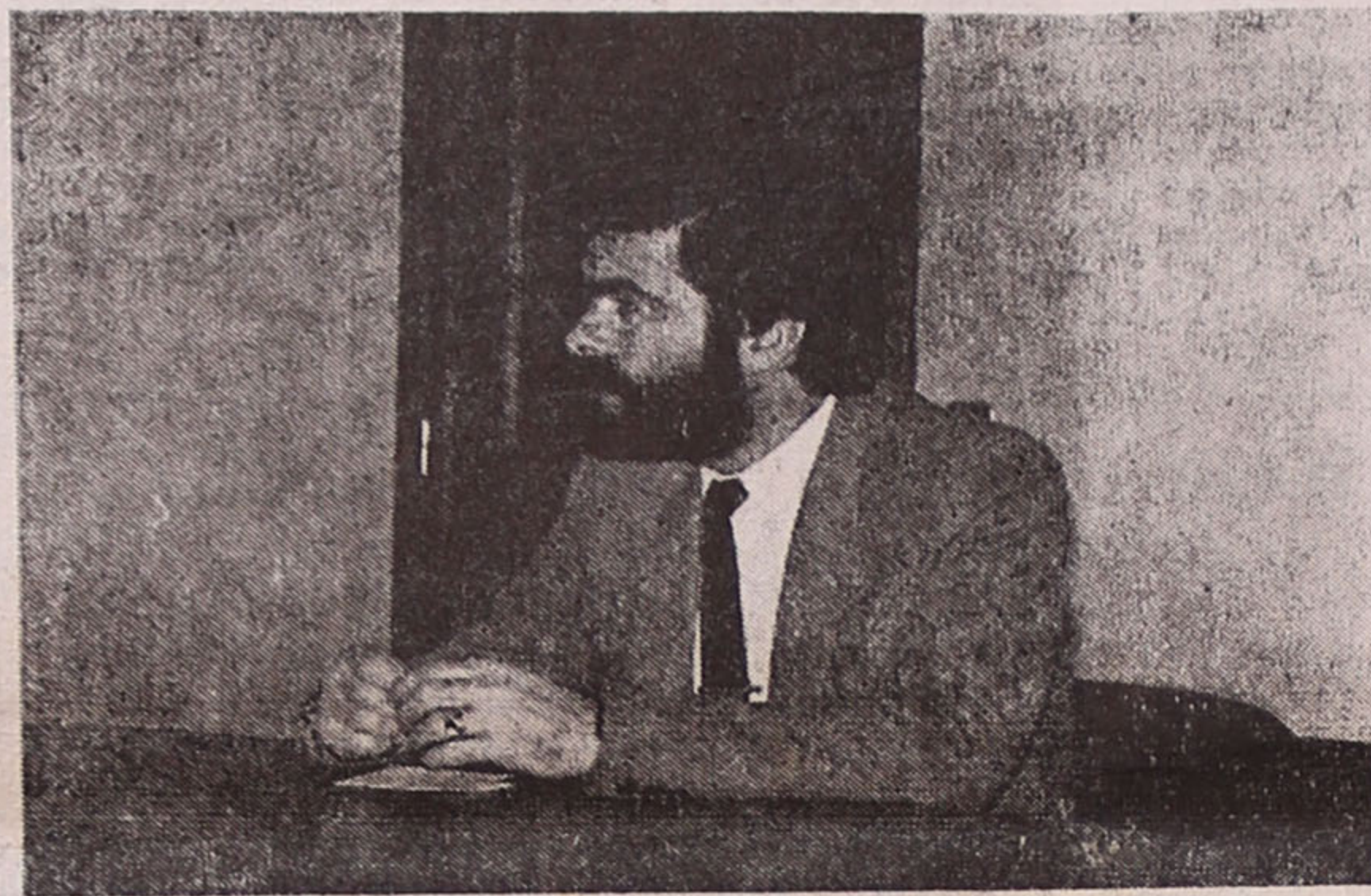
Esta coisa do lixo é um «negócio das Arábias»! Isto pensámos nós, concluindo a nossa visita. Expliquemos o porquê desta afirmação, dando mais uma vez a palavra ao Dr. Fernando Leite: «O Eng.º Agrónomo Campos Gondim, que aqui

continua na página 6

Na passada semana fomos até Ermesinde, às instalações da Fertor, central que recebe e trata os lixos de cinco municípios que são, simultaneamente, proprietários dessa Empresa — Espinho, Gondomar, Maia, Porto e Valongo. São cerca de oitocentas mil pessoas correspondentes a uma área de 383 km², e que produzem diariamente à volta de 472 toneladas de lixo. Dessa quantidade, Espinho contribui com 33 toneladas diárias. E os problemas para a Fertor começam já aqui — é que do volume total de lixo que lá chega todos os dias, apenas 170 toneladas podem ser tratadas. O resto vai directamente para o aterro que se torna, de dia para dia, mais pequeno.

O PERCURSO DO LIXO

Naturalmente que, no decorrer da conversa que tivemos com um dos responsáveis pela Fertor, o Dr. Fernando Leite, quisemos saber o que acontece ao lixo que diariamente produzimos. A palavra pa-



Dr. Fernando Leite, técnico da Fertor: «O lixo é o petróleo mais rico...»

ra o nosso interlocutor: «O lixo normal, aquele que é tratado, bem entendido, vai para uma fossa de descarga, à chegada. Depois passa por uma crivagem, onde lhe são retirados os materiais ferrosos, plásticos, vidros e farrapos, ficando só a matéria orgânica. Esta é depois triturada, fermenta durante cerca de 24 horas, e depois é seca, porque, em média, contém

sim é. Numa primeira fase pensamos ampliar a capacidade de tratamento de lixo destas instalações para 400 toneladas diárias. Depois, está nos nossos planos instalar mais duas unidades com a capacidade de 250 toneladas diárias cada, respectivamente em Matosinhos e em Gaia. Penso que em Maio será dado um passo decisivo neste sentido.»

NÚMEROS, NÚMEROS, NÚMEROS!

«A fria linguagem dos números», costuma-se dizer. Pois em relação ao lixo, cá vai ela, também:

PERCENTAGENS DA COMPOSIÇÃO DO LIXO

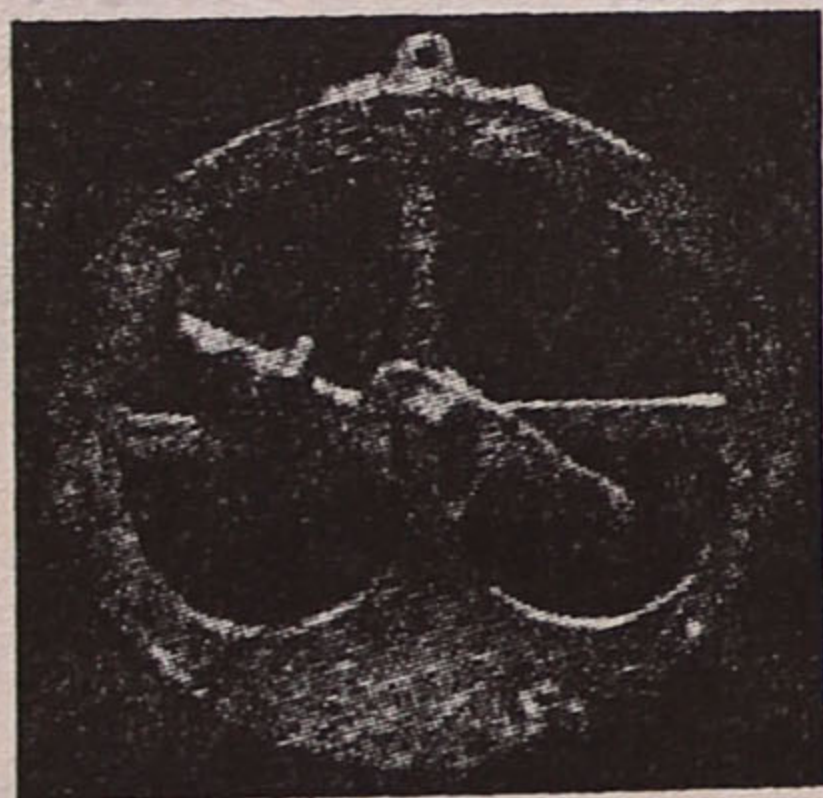
Matéria orgânica	76 %
Farrapos	7,8 %
Plásticos	6,5 %
Cartão	3 %
Vidro	3,75 %
Metais ferrosos	2 %
Metais não ferrosas	0,05 %

LIXO CHEGADO A FERTOR NOS 3 ÚLTIMOS ANOS

1980	55 000 toneladas
1981	110 000 toneladas
1982	107 000 toneladas

LIXO PRODUZIDO POR ESPINHO NOS ÚLTIMOS 3 ANOS

1980	4262 toneladas
1981	6498 toneladas
1982	6700 toneladas



EXPO XVII

«Os Descobrimentos Portugueses e a Europa dos Descobrimentos»

DE 29 DE ABRIL A 10 DE JUNHO (6 sessões)

SEMINÁRIO SOBRE HISTÓRIA E CULTURA DO RENASCIMENTO EM PORTUGAL E NA EUROPA

— ORIENTADO POR PROFS. DAS ESCOLAS DA CIDADE

— DIRIGIDO A TODOS OS INTERESSADOS NA HISTÓRIA PASSADA E PRESENTE DE PORTUGAL NO MUNDO

INSCRIÇÕES LIVRES TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 19 HORAS NA SEDE DA NASCENTE (RUA 62-521 - TEL. 721621) E NO POSTO E TURISMO

O programa radiofónico «Ecos de Portugal» dum estação de rádio de Filadélfia (EUA) solicitou à CME dados sobre a cidade, com vista à emissão de um programa sobre Espinho. Os dados pedidos eram a história da terra, elementos demográficos, e pedia-se também a indicação do nome de duas figuras cá nascidas que, por um ou outro motivo se tivessem notabilizado. A CME referiu primeiro os nomes de Manuel Laranjeira e Amadeo de Souza Cardoso que, embora não-naturais de Espinho cá passaram longo tempo. Quanto às personalidades «realmente» espinhenses os nomes apontados foram os de José Salvador e Alberto Valente, sobejamente conhecidos e ligados a Espinho. Até aqui, tudo normal. Mas eis que, inesperadamente, e dentro do «estilo-relâmpago» que lhe é peculiar, o vereador da Cultura, Valdemar Martins, discordou dos nomes de Alberto Valente e do dr. José Salvador. O vereador da Cultura andará a ver fantasmas onde eles não existem?



PORTE PAGO

Câmara Municipal de ESPINHO